

# O ARTISTA



ASSIGNATURA

Por mez. . . . . 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO

DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I

Desterro -- Domingo 21 de Setembro de 1879

N. 41

Pedimos aos nossos assignantes, de mandarem satisfazer nesta typographia as suas assignaturas, que se acham atrasadas.

## O ARTISTA

Desterro, 21 de Setembro de 1879.

Elegia, escripta pelo Rvd. P. Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, por occasião do fallecimento de D. Joanna de Ydo-yaga Varella, esposa do sr. Joaquim José Varella e Mãe de Manoel Bernardino Augusto Varella, em 21 de Setembro de 1851.

### Elegia

*Surrexerunt fili ejus, et beatissimam predicaverunt: vir ejus e laudavit eam.*

PROVERBIOS CAP. 31, v. 28.

Porque n'este almo dia de transporte, No alto campanario o bronze entoa Em tristonho vaivem hymnos de morte?

Porque na minha Patria meiga e boa, Gente trajando lucto, contristada Do Campo Santo a região povoa?

Porque lá n'essa terra destinada Ao remanço dos mortos, fria cava Abre co'estrondo ferruginea enxada?

Assim meu coração interrogava, Mas em mudo silencio...e o pensamento Por negras sombras rapido voava!..

Nem o doce prazer desse momento, Em que via de novo o patrio abrigo, Depois de tão penoso apartamento,

Nem a recordação de um caro Amigo Podião destrahir meu peito ancioso: Só imagens de dor erão comigo!

E quem seria o ente desditoso, Que victima tombava ás mãos da morte No seio do sepulchro tenebroso?

Uma extremosa Mãe, uma consorte, Delicias do Esposo idolatrado, Que a virtude tomara por seu norte!

Dos filhinhos o pranto magoado, Do consorte os gemidos de amargura, As lagrimas.. oh!.. tudo foi baldade!..

Mas consola-te, amigo, a sepultura Não encerrou de Jônia alta memoria: Ella vive entre nós candida e pura; E sua alma no Céu disfructa a Gloria.

Convem advertir, para intelligencia do leitor d'esta Elegia, que o illustrado Auctor d'ella, chegando da côrte no dia 22 do referido mez e anno, de bordo do paquete avistou o cemiterio d'esta cidade, na occasião em que se fazia o enterro.

Soneto, escripto na côrte pelo Illmo. Sr. Dr. Luiz Delfino dos Santos, por occasião de ter noticia do referido fallecimento.

Fine carent lacrymæ; nisi cum stupor obstit illis: Et similis morte pectora torpor habet.

(OVID. EPIST. EX PONTO.)

Quanto o rir sobre a terra é passageiro! Quanto é lesta a mover-se a voz do fado! Qual bonança à procella, ao desgraçado Succede o gôzo e a paz, eil-o fagueiro!

E o que feliz fruia prazenteiro Sensações de ledice extasiado, Eil-o em luto.. eil-o em pranto trasbordado, Em assomos de morte aum golpe arteiro!!....

Onde o ledo perfil tu desterraste Que ostentavas, amigo? Ah! dize! ah! falla! Porque em prantos e em luto te enroupaste?

Sim! morreu-te a consorte!! a dôr que cala Esse teu coração, tambem herdaste, O' minha alma, eternal para choral-a!

Cumpra declarar que o distincto Auctor deste soneto tinha então apenas completado 17 annos de idade.

## FOLHETIM 21

### IR A ROMA E NÃO VER O PAPA

POR

ALEXANDRE DUMAS

TRAD. DE M. PINHEIRO CHAGAS

—Ora adeus! disse o capitão. Em Surano comerá.

—Estamos promptos? perguntou-lhe Zephyrina.

—Espera, eu vou ver. E saín para o patamar. *Siamo prompti?* gritou elle.

Zephyrina correu logo a janella, tirou do dedo o meu diamante e escreveu rapidamente no vidro algumas palavras.

O capitão, quando voltou, encontrou-

a no mesmo sitio em que a deixara.

—Vamos! vamos! disse elle; em Surano descansaremos.

Por força que somos trahidos murmurou por entre os dentes, ou são bruxos os hussards. Depois, fazendo-me signal que passasse adiante, deu o braço a Zephyrina e saiu com ella.

Esperavam-nos os cavallos como na vespera, tomaram-se as mesmas precauções, e pozemo-nos a caminho do mesmo modo. Mas, como tinhamos partido de dia, chegamos mais cedo.

O que é verdade é que não achamos quasi nada que comer na miseravel estalagem para onde o capitão nos levára, o que sem o cuidado da menina Zephyrina que teve a bondade de repartir connigo a sua ceia, teria de me deitar em jejum.

Ainda não estava deitado havia dez minutos, quando ouvi um barulho infer-

nal. Saltei abaixo da cama, peguei no fato, abri a porta perguntando:

—O que ha de novo?—A sala estava cheia de bandidos armados.

—O que ha de novo é que estamos cercados por estes malditos hussards, bradou o tenente, e que ha por força algum traidor connosco. Com mil raios! se eu imaginasse que eras tu...

—*Di quid! di qui!* disse o estalajadeiro abrindo uma porta que deitava para uma escada secreta.

O capitão foi o primeiro a sair, levando pela mão a menina Zephyrina, o Picardo empurrou-me, obrigando-me a ir atraz d'elles, seguio-nos o resto da quadrilha.

Ao fundo da escada, o estalajadeiro entrou na carvoeira e levantou um alcapão. O capitão percebeu, sem se trocar uma palavra. Desceu adiante pela

## LITTERATURA

### QUER-SE VER QUEM BEM ACABA

#### ROMANCE

POR

JOSÉ FRANCISCO PAZ

*Offerecido a mocidade feminina da  
Provincia de Santa Catharina.*

#### Capitulo X

RENDIÇÃO DE URUGUAYANA

Então ouviu-se um brado de vingança que repercutiu das margens de Oyapock ao Rio da Prata !

Era o Brazil, que inteiro se levantava para vingar este insulto !

O 12 batalhão marchou para o Paraguay !

Incontinentemente Adolpho e Leoncio pedem passagem para o 12.

Elles a obtem, e inda vão alcançar o batalhão na cidade do Rio Grande.

Succedem-se as marchas dos corpos de linha e o imperador Pedro 2º, dirige-se ao Rio Grande.

Preparava-se o assalto à Uruguayana.

Raiou o dia almejado, o dia 18 de Setembro de 1865 !

Uruguayana foi tomada pelos seus filhos das mãos dos barbaros de Lopes !

O proprio Estigarriba veio offerecer sua banda ao general Ozorio !

Adolpho reconheceu a primeira vista.

—Oh ! Carolina ? Por aqui ? perguntou-lhe Adolpho.

—Ah ! Sim ! Sim ! Aqui, fora onde a desgraça me levou !

—Teu marido ?

—Ah ! Não sei !

—Como viestes parar aqui ?

—Nas azas da desgraça !.....

Ah ! mil vezes me arrependo de te abandonar !

Fui cega, fui traidora, Deus me castigou !

escada do alcapão, amparando a menina Zephyrina. Seguímos o todos. O estalajadeiro fechou o alcapão, e senti-o estar a escondel-o com lenha. Pela sua parte o picardo tirou a escada, de forma que era necessario saltar a um e um duma altura de quinze pés para entrar no subterraneo em que estavam.

Escuso de lhe dizer que aproveitei o ensejo para me vestir. D'ahi a um instante, ouvimos bater a porta, como se quizessem arrombal-a.

—*I seioppi sono daricati* ? perguntou o capitão.

Como era a mesma pergunta que o conductor me fizera, percebi perfeitamente. Demais ouvi no mesmo instante nos canos das espingardas a bulha das varetas dos que não estavam preparados para fazer fogo.

—Meus senhores, bradei, meus senhores, espero...

Julguei que tu, como eras soldado, d'ahi não passarias, e porisso te desprezei e fui beber n'uns labios, mentidos amores !

Cazei-me com Quelly, pensando que seria ditosa, mas..... ah !.....enganei-me !

Fui filha do tenente coronel Pinto e hoje nada sou !

Quelly, aquelle miseravel, abandonou-me e só tratou de sua salvação !

Mil vezes me arrependo !

Sirva isto de exemplo para o futuro ás moças inconstantes, que só se cazão e namorão por interesse e por seducção e não por amor !

—Bem ! respondeu Adolpho, eu estou comprometido com uma moça, filha d'um carpinteiro de Lages no Desterro, e não te amo mais com o amor primitivo, mais sim com a amizade de um irmão.

Perdestes teu marido, mas achastes um amigo.

Eu cuidarei de ti, como de uma irmã, mas que agora minha amante não és tu, isto é certo !

Servirás tambem de companhia, para minha esposa.

—Quem é ella ? Perguntou Carolina.

—E'.....uma.....

—Anda ! Diz !

—A Margarida Duarte, filha de Maria Angela.

—Oh ! Como Deus me castiga ! Margarida Duarte que tantas vezes chamei *bruxa*, hoje me calca aos pés ! Oh ! Horror ! Deus me castiga !

—Ah ! Ah ! Ah ! *Bruxa* para as soberbas, e anjo seductor e bello para mim !

—Quantas voltas dá o mundo !

—E' verdade !

*Continúa*

—Silencio si tens amor á vida, disse o Picardo.

—Se tenho amor á vida ! ora essa ! de certo que tenho.

—Silencio, ou ponho-te uma mordacça.

Calei-me, mas procurei um canto onde me pudesse abrigar das balas. Angulos reentrantes era coisa que não havia naquelle maldito subterraneo, uma verdadeira masmorra penitenciaria. Ouvimos abrir a porta, ao mesmo tempo pelo barulho das botas e das coronhas de espingardas, percebemos que um destacamento de soldados acabava de entrar na estalagem. Como veem, tinhamos sido seguidos de perto.

Eramos vinte neste subterraneo, e contudo havia ali um silencio tal, que se podia ouvir voar uma mosca.

Não succedia o mesmo por cima de nós

## POESIA

### Soneto

(Trad. de Thomaso Campanelle)

Ao meu amigo Pº. Raphael Faraco,  
vigario de Garopaba.

#### A morte de Christo.

Morte, estipendio do peccado antigo,  
Filha da inveja tetrica, insciente,  
Consorte e tributaria da serpente,  
Reptil que aos charcos só demanda abrigo.....  
Estulta pretensão guardas contigo  
De no abismo arrojar quanto vidente  
Ostenta a diva luz do Omnipotente ?  
Falsa razão te nutre o genio inimigo.....  
Quem jamais te servira, á plaça ingloria,  
Pra servir-se de ti somente, desce.....  
Armada arena escolhes, e a victoria  
Alcança a Cruz, que alcança respaldos !  
Elle vivo, succumbes, morto, a Gloria  
Arroja-te ao abismo e te estremece.....

S. José—Setembro de 1879.

*Paulino de Albuquerque.*

## NOTICIARIO

### Jornaes

Agradecemos ás respectivas redacções a remessa dos seguintes Jornaes:

Conservador, Despertador, Regeneração, Município, A Verdade, Gazeta de Joinville, A Nebulosa Nova Aurora, Jornal de Campos, Theophilo Ottoni, o Nacional Echo do Paraná, o Raio e o Luzeiro.

—Deu-nos a companhia dramatica do sr. Ribeiro Guimarães, quinta-feira 11 do corrente a representação do—Remor-

parecia que estavam a demolir a casa.

Eram gritos e pragas capazes de fazer desmaiar Nossa Senhora. Por duas ou trez vezes ouvimos os soldados entrar na carvoeira, onde estava escondida a entrada do nosso alcapão, e então o silencio era interrompido pelo barulho das espingardas que se engatilhavam. Rumor insignificatissimo, pois fazia-me uma impressão levada da breca.

Emfim d'ahi a trez ou quatro horas, cessou este barulho todo a pouco e pouco

Seguiu-se-lhe um absoluto silencio; depois ouvimos tirar a lenha e abrir o alcapão. Era o nosso estalajadeiro que vinha dizer-nos que farto de nos procurar debalde, os francezes se tinham ido embora e que podiamos partir.

*Continúa*

so Vivo— com que fez beneficio o mesmo senhor.

Estove muito concorrido e felicitações ao sr. Guimarães pela sympathia, de que lhe deo provas o nosso publico, que sahio muito satisfeito do theatro, pois foi bem desempenhado o drama do talentoso Furtado Coelho.

Os applausos que colherão são mais uma folha de louro para os artistas que nella tomarão parte.

—Não foi menos esplendido a segunda exhibição do grandioso drama—Fé, Esperança e Caridade, no Domingo passado. Como da primeira vez dissemos que elle está acima de todo o elogio. É uma obra prima, já pelo seu merito litterario, já pelas ideias de alta moral destruidas bem a proposito no correr do drama, e finalmente pelo grande effeito que produz.

Esta composição, bello ornamento para a litteratura dramatica, pertence ao pequeno numero das que se aproveitão desde a primeira até a ultima palavra, tal é a riqueza de sua linguagem. Encarada pelo lado artistico ella possui preciosos momentos em que os actores podem arrebatrar as plateias segundo a força de seu talento. Emfim, é tão sublime esta combinação de ideias postas em perpetua lucta, que julgamo-nos muito pequeninos para fazer a sua apologia.

O desempenho desta vez em nada desmentio quanto dissemos relativamente a primeira representação.

Tolos e artistas estiveram na altura de seus papeis.

O senhor Castro mui conhecido e sym-

pathico do nosso publico revelou todo o talento de que dispõe no seu difficilissimo papel. Coube-lhe as honras da noite.

D. Eudoxia, esteve inimitavel. Representou muito bem aquella scena do 5º acto, quando Lucia reconheceo na pessoa do mendigo esfarrapado aquelle que lhe dera vida e a quem votava o mais profundo amor filial.

Francamente diremos, nunca tivemos occasião de admirar tanto o seu talento como neste drama.

O sr. Namura, em cada espectáculo desta companhia tem mais grangeado a estima que é tido como excellentes artista. Não é possivel haver mais naturalidade no seu papel, mormente quando se trabalha em todos os generos. O nosso publico fez-lhe a devida justiça. Esse senhor tem a seu favor a boa escolha de caracteristicos apropriados aos papeis que desempenha.

O senhor Texeira, já pela boa direcção que deo ao papel que é aliás muito sympathico, já pela maneira porque o representou agradou muito. Teve momentos bem felizes e soube patentear-nos o seu talento.

Os demais artistas esforçarão-se para o bom desempenho desta peça de grande espectáculo, e forão felizes porque acertarão.

Teremos sempre muito prazer em continuar a dizer dos artistas que compõem a empresa do sr. Guimarães o que vimos de exprimir, e esperamos que elles sustentarão a sua reputação já firmada entre nós.

Hoje deve subir a scena o drama original francez—As Catacumbas de Mont-Borrois—cuja traducção é devida a pena de D. Anna Chaves. Se não fosse o drama de valor, seria aquelle um justo motivo para o nosso publico encher o theatro.

**As mulheres nos Estados-Unidos.** —Le-se no *Correio do Natal* de 14 de Agosto:

« N'uma das ultimas estatisticas da America do Norte encontramos a seguinte relação de senhoras que se empregão em industrias e profissões, dando prova do seu caracter viril e feliz iniciativa:

45 senhoras creadoras de gado.  
16 barbeiras  
21 dentistas.  
15 advogadas.  
540 medicas ou cirurgiães.  
88 clergymen (sacerdotisas)  
7 cozeiras.  
10 empregadas em canaes.  
144 empregadas nos correios.  
29 empregadas nos telegraphos.  
77 compositoras typographas.  
196 carreteiras.  
1 pilota.  
43 arcabuzeras.  
7 fabricantes de polvora,

Deveamos concordar que as industrias e profissões valem sempre alguma coisa mais do que andar a fazer renda ou crochê, e do que nada fazer, emfim. »

24

Quando se quiz dar principio aos debates, apresentou-se uma difficuldade singular. Nenhuma das testemunhas dos acontecimentos do dia 4 de Novembro queria depôr contra Claudio. O presidente ameaçou-os com o seu poder discricionario. Foi debalde. Então Claudio lhes ordenou que deposessem. Todas as linguas se desataram. Disseram o que tinham visto.

Claudio escutava-os a todos com profunda attenção. Quando um d'elles por esquecimento ou affeição por Claudio ommettia factos que depunhão contra o accusado, Claudio os restabelecia.

De testemunho em testemunho, a serie de factos que acabamos de desenvolver se desenrolou perante o tribunal.

Houve um momento em que as mulheres presentes choraram. O official de justiça chamou o condemnado Albino. Era sua vez de depôr. Elle entrou cambaleando; soluçava. Os gendarmas não poderão impedir que fosse cair nos braços de Claudio. Claudio sosteve-o e disse sorrindo ao procurador do rei: « Aqui está um scelerado que reparte o seu pão com quem tem fome. » Depois beijou a mão de Albino.

Esgotada a lista das testemunhas o sr. procurador do rei levantou-se e fallou n'estes termos: « Senhores jurados, a sociedade seria abalada até os seus alicerces si a vindicta publica não ferisse os grandes culpados como o que, etc. »

Depois d'este discurso memoravel, o advogado de Claudio fallou. A accusação e a defeza fizeram, cada uma por sua vez, as evoluções que costumão fazer nesta especie de hippodromo que se chama um processo crime.

21

—E' que tenho que vos fallar, senhor director.

—Do que ?

—De Albino.

—Ainda ! disse o director.

—Sempre ! disse Claudio.

—Pois que ! replicou o director continuando a andar, então achaste poucas as vinte e quatro horas de calabouço ?

Claudio respondeu continuando a seguir:

—Senhor director, dai-me o meu camarada.

—Impossivel !

—Senhor director, disse Claudio com uma voz que teria enternecido o demonio, eu vos supplico, collocai de novo o Albino na minha companhia, vereis como heide trabalhar bem. Vós que sois livre não sabeis o que seja um amigo, e isto vos é indifferente; mas eu, apenas tenho as quatro paredes da minha prisão. Vós podeis andar onde bem vos aprouver; eu, não tenho senão o Albino. Entregai-m'o. Bem sabeis que o Albino me alimentava. O vosso unico trabalho seria o de dizer sim. Que mal vos faz que haja na mesma sala um homem que se chama Claudio Mendigo e outro que se chama Albino ? Porque a coisa não é mais complicada do que isto. Senhor director, meo bom sr. D., eu vos supplico verdadeiramente em nome do céu !

Claudio nunca tinha talvez fallado tanto de uma só vez a um carcereiro. Depois d'este esforço, exausto, esperou. O director replicou com um gesto de impaciencia:

—Impossivel. Tenho dito. Vejamos, não me tornes mais a fallar n'isto. Tu me aborreces.

### Ovação.

—O sr. pharmaceutico Zeferino José da Silva, tendo chegado do municipio de Lages, onde estivera cerca de cinco mezes prestando soccorros medicos aos affectados da epidemia, que flagellou aquelle bom povo, recebeu na noite de 17 do corrente mez, uma manifestação da sociedade musical *Lyra Artistica*, de que foi, ou ainda é, s. s. director, e de alguns de seus amigos dedicados.

Nesse bello acto, em que, segundo nos informão, se revelava o prazer, a franqueza e a sinceridade de todos os que n'elle tomavão parte, forão saudados devidamente o sr. Zeferino, a distincta e recommendavel associação musical, e o sr. pharmaceutico formado Eufrazio Cunha, socio e amigo d'aquelle sr. terminando a reunião em hora adiantada da noite, com um eloquente brinde do referido sr. Cunha ao povo catharinense.

**Hymineo**—Recebeu-se hontem em consorcio o nosso sympathico patricio e amigo sr. alferes Arthur Cavalcante do Livramento, com a exma. sra. d. Honorrina Machado de Souza, filha do nosso digno conterraneo ausente, sr. capitão José Machado de Souza.

Felicitemos cordialmente aos illustres desposados, á quem desejamos muita saúde e venturas por dilatados annos.

### A PEDIDO

## Club 19 de Junho

Teve lugar na noite de 13 do corren-

te, nos salões do *Club 19 de Junho*, a partida dada pelos respectivos socios.

O sarão correu animado, e outra coisa não era de esperar de uma festa em que se avantajavam as mais vicejantes e olorosas flôres do poetico jardim catharinense.

Ostentando-se com suas bonitas e escolhidas *toilettes*, lá se apresentou o bello sexo, sempre circumdado d'esse magico fulgôr desferido de uns olhos scintillantes e feiticeiros, com que sabe prender essas incautas mariposas, que a lexicographia franceza denomina—*jeunes hommes*.

Na physiognomia de cada um dos convidados, em cujo numero estavamos contemplado, transparecia o sentimento do prazer e da satisfação, que n'aquelles doces momentos dominava-lhes o coração, sentimento esse gerado pelas inefaveis sensações que pode produzir o contacto de uma breve e nevada mão, o lampejo de uns olhos refulgentes, o *tour* de uma animada quadrilha e o vertiginoso torvelinho de uma walsa...

E tão velozes correrão esses instantes de indizível prazer que, quando pensavamos estar no seu começo, o relógio marcava 3 1/2 horas da madrugada, e todos retiravam-se para suas habitações, afim de entregarem-se aos braços de Morphêo, levando consigo as gratas impressões de tão agradável diversão.

Terminando essa tosca e curta apreciação seja-nos licitos tecermos, aqui os merecidos encomios, de que são dignos os membros da distincta directoria d'aquella associação, que não pouparam esfor-

ços para que reinasse a maior harmonia durante o sarão e o serviço fosse feito profusamente.

Continue, portanto, o *Club 19 de Junho* a trilhar a senda que até hoje tem percorrido, que auguramos-lhe uma longa existencia coberta dos triumphos que pôde proporcionar uma intelligente e criteriosa direcção e cheio de enthusiasmo lhe bradamos com as animadoras palavras do poeta da velha Albion:

*Away! Away!*

## ANNUNCIOS

### 9 DE AGOSTO

Communico aos Srs. socios, que no Sabbado 27 de Setembro, terá lugar o segundo ensaio dansante.

O Secretario

*Luz P. Neves.*

## SOCIEDADE ARTISTICA BENEFICENTE

Domingo, 21 do corrente mez, ás 11 horas da manhã, no Theatro Santa Izaabel, terá lugar a instalação solemne desta sociedade.

Desterro, 15 de Setembro de 1879.—  
O presidente, Dr. *Genuino Vidal*.

22

E, como estava com pressa, apertou o passo. Claudio fez o mesmo. Assim fallando, tinham chegado ambos ao pé da porta de sahida; os oitenta ladrões olhavam e escutavam, arquejantes.

Claudio tocou levemente o braço do director.

—Mas pelo menos que eu saiba porque estou condemnado á morte. Dizei-me porque razão o separastes de mim.

—Já t'o disse, respondeu o director, porque sim.

E, virando as costas á Claudio, estendeu a mão para o trinco da porta de sahida.

A' resposta do director, Claudio tinha recuado um passo. As oitenta estatuas que alli se achavão viram sahir das calças sua mão direita com o machado. Esta mão levantou-se e, antes que o director tivesse podido dar um grito, tres machadadas, coisa horrrosa de dizer, assentadas no mesmo lugar, lhe tinham aberto o craneo. No momento em que elle cahia de costas, um quarto golpe lhe acutilava o rosto; depois, com um furor desenfreado não se comtem, Claudio Mendigo fendeu-lhe a coxa direita com um quinto golpe iautil. O director estava morto.

Então Claudio atirou fóra o machado e gritou: *Ao outro agora*. O outro era elle. Virão-no tirar de sua blusa a thesourinha de « sua mulher »; e sem que pessoa alguma pensasse em impedir-lh'o, enterrou-a no peito. A lamina era curta, o peito profundo. Ferio-o por longo tempo e por mais de vinte vezes dizendo: Coração de damnado, então não te acharei? e em fim cahio banhado em sangue, deasmado sobre o morto.

Qual dos dois era a victima do outro?

Quando Claudio recobrou os sentidos, achava-se

23

n'um leito, coberto de pannos e de ligaduras, rodeado de cuidados. Tinha á sua cabeceira boas irmãs de caridade, e além d'isto um juiz de instrucção que fazia os autos e que lhe perguntou com muito interesse: *Como se achava?*

Elle perdera grande quantidade de sangue, mas a thesoura com que tinha tido a commovente superpção de se ferir, tinha cumprido mal o seu dever; nenhum dos golpes que dera em si era mortal. As unicas feridas mortaes para elle, erão as que fizera no sr. D.

Os interrogatorios começaram. Perguntaram si tinha sido elle quem matára o director das officinas da prisão de Clairvaux. Respondeu: *Sim*. Perguntaram-lhe porque. Respondeu: *Porque sim*.

Entretanto, houve um momento em que suas feridas se envenenarão: foi atacado de uma febre maligna que quasi o matou.

Novembro, dezembro, janeiro e fevereiro decorreram em cuidados e em preparativos; medicos e juizes desvelavão-se ao redor de Claudio; uns curavão-lhe as feridas, outros levantavão-lhe o cadafalso.

Abreviemos. Aos 16 de março de 1832, elle compareceu completamente curado perante o tribunal correccional de Troyes. Tudo o que a cidade pôde dar de multidão alli se achava.

Claudio mostrou boa attitudé perante o tribunal; tinha-se feito barbear com cuidado, estava com a cabeça descoberta; vestia aquelle triste trajo dos presos de Clairvaux, composto de partes iguaes de duas espécies de pardo.

O procurador do rei tinha atulhado a sala com todas as baionetas do districto, «afim, disse elle á audiencia, de conter todos os scelerados que tinham que figurar como testemunhas n'esta questão.»